

DF - Sanele

Eu quero trabalhar

CORPO POLITICO BRASILEIRO

16 JULHO 1996

Aloysio Campos da Paz Júnior

O conflito entre capital e trabalho, no Brasil, não tornou o homem em sujeito da ação. Por um desvio inculto do conhecimento histórico, transformou-se em instrumento de corrupção. A Península Ibérica entrou.

Nas origens da nossa formação existe uma relação espúria entre o cidadão e o Estado, a relação predatória, que sempre foi fomentada pelas elites e institucionalizada a partir da Constituição de 1937, de Francisco Campos, o Chico Ciência, inspirada na "Carta del Lavoro" de Mussolini.

As raízes do corporativismo no Brasil estão profundamente ligadas a uma relação cínica que, no final das contas, gerou o acordo: você finge que trabalha e eu finjo que lhe pago... típica do serviço público, e que, por outro lado, impediu o desenvolvimento pleno do capitalismo o que, seguindo o processo histórico, bloqueou a aplicação de princípios na relação entre o homem que trabalha e

quem o remunera, seja o Estado, seja a Empresa.

As portas abertas pela Constituição de 1988 fortaleceram de tal modo esse modelo que hoje alguém que queira trabalhar como médico, por exemplo, entregando-se a

atender uma demanda que fará com que ele "ultrapasse as horas previstas pela lei", disso se vê impedido. Se quiser pode fraudar, se quiser pode ir para sua clínica particular trabalhar até a meia-noite, se quiser pode inventar AIHs e UCAs, mas trabalhar para a comunidade não pode. Só quatro horas, de preferência entrando no hospital de costas para sair mais rápido! Aí os fiscais do tra-

lho, herdeiros legítimos da relação espúria que Getúlio Vargas inventou com Chico Ciência e militantes anencéfalos do corporativismo, entram em delírio.

Se você quiser trabalhar, se entregar, cumprir a sua função social, não pode: tá multado! E viva o corporativismo!

O Sarah, pelo simples fato de estar atendendo a população, tendo seus funcionários a ela se dedicando, ou seja, pelo simples fato de estar trabalhando e atendendo a todos de graça, como de resto manda a Constituição — saúde é direito de todos —, já recebeu auto de infração. Vamos todos excluir com Macunaíma: "Ai, que preguiça". Porque neste Estado em que o Brasil chegou, o convite no serviço público é o de ir para a praia. Quem quiser construir mais, é maluco, o que agrada muito também aos seguidores de Margaret, a Thatcher, que vão, com a sua proposta de Estado mínimo, acabar de comer a galinha que tantos ovos de ouro botou, desde que Pero Vaz de Caminha

pediu o primeiro emprego. É preciso dar um basta ao corporativismo. É hora de a sociedade civil se organizar e mandar essas personagens de Tolstói para as profundas do inferno!

Eu quero trabalhar! O que eu entendo por Estado é alguma coisa que me deixe produzir, que me deixe criar. O astronauta americano jamais teria impresso seu pé na lua se fiscais das DRT's tivessem acesso a Cabo Canaveral... 5 — 4 — 3 — 2 — Dr. von Braun: desliga o foguete, terminou o expediente!

Se o velho Marx levantasse do túmulo e visse o que está acontecendo no Brasil, ou viraria monge budista ou se converteria ao cristianismo. O Tibet não tem DRT's e pastor de almas não tem jornada de trabalho. Mussolini, entretanto, entraria em orgasmo.

■ Aloysio Campos da Paz Júnior, médico pós-graduado em Ortopedia pela Universidade de Oxford (Inglaterra), é cirurgião-chefe da Rede Sarah de Hospitais do Aparelho Locomotor e presidente da Associação das Pioneiras Sociais.

**O Sarah,
pelo
simples
fato
de estar
trabalhando
e atender
a população,
já foi
autuado**